

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Caroline Leite conta que já percebeu atitudes machistas durante uma partida de pôquer

Sem blefes

O crescimento do pôquer, hoje reconhecido como um jogo de habilidade e não mais de azar, tem ganhado cada vez mais praticantes e foi impulsionado pela necessidade de lockdown e pelo home office, prevalecendo o seu formato on-line. Calcula-se que, no Brasil, sejam quase 8 milhões de praticantes, entre os mais de 100 milhões no mundo. Entre as características estão habilidades como raciocínio lógico, probabilidade, astúcia, concentração, inteligência, equilíbrio emocional e coragem. Já o objetivo está em ler e processar as informações que são fornecidas a cada

partida, vencendo aquele ou aquela que tirar todas as fichas dos outros jogadores.

O interesse pelo jogo também encontra lugar no passatempo de muitas mulheres, como da servidora pública do Ministério da Economia Caroline Leite, 36 anos, que começou a praticar o pôquer em 2008 e, depois de um intervalo, retomou o hobby durante a pandemia, de forma on-line e em grupos de amigos. Hoje, joga todos os dias pela internet e, presencialmente, duas vezes ao mês. “A emoção está no fato de ser um jogo que mistura inteligência, ousadia, cálculos, probabilidades e até mesmo uma parte psicológica. É incrível”, derrete-se.

O HomeGamers Poker Club, uma das plataformas pela qual Caroline realiza as disputas e participa de torneios, desenvolveu o projeto Ladies Only, dedicado exclusivamente a jogadoras recreativas e que visa estimular a prática social de pôquer entre mulheres. A iniciativa

oferece jogos gratuitos e específicos, apenas para competidoras que os têm como diversão. Estimular a socialização de mulheres nesse contexto é a principal finalidade, como destaca André Andrade, um dos sócios do clube. As partidas ocorrem todos os dias e, por serem on-line, reúnem jogadoras do Brasil inteiro e do exterior.

Ainda que a servidora pública considere o ambiente do pôquer predominantemente masculino, reconhece que essa disparidade tem diminuído e recorda situações em que percebeu atitudes machistas de maneira mais velada: “De forma presencial, já me senti mais criticada que homens pelas jogadas”. No início, especialmente, sentia-se intimidada, porém, o tempo fez com que ficasse mais à vontade e confiante. Além disso, Caroline frisa que nunca se deixou abalar por comentários desagradáveis.

E, para as mulheres que têm interesse pelo jogo e pretendem começar a praticar, ela deixa o recado: “Venham, vamos dominar o universo do pôquer juntas!”